

A (RE)CONSTRUÇÃO DO HUMOR NA DOENÇA DE ALZHEIMER EM ESTÁGIO INICIAL: COMPREENSÃO DE TROCADILHOS

Nathália Luiz de Freitas¹

RESUMO

Objetiva-se investigar, com base nas teorias da Relevância e da Integração Conceptual, fatores linguísticos e sociocognitivos envolvidos na interpretação de dois trocadilhos por sujeitos com a Doença de Alzheimer (DA) em estágio inicial. Foram formados o grupo Clínico – sujeitos com DA – e o grupo Controle, para submissão ao Protocolo de Textos Humorísticos. Os sujeitos do grupo Clínico apresentaram desempenho significativamente inferior ao do grupo Controle, sendo que os indivíduos diagnosticados com DA foram capazes de reconstruir totalmente o percurso humorístico de um trocadilho. As tentativas interpretativas dos sujeitos com DA foram dependentes de pistas fornecidas durante os processos dialógicos.

Palavras-chave: doença de Alzheimer, compreensão de trocadilhos, linguagem e humor.

Introdução

Descrita por Alois Alzheimer, em 1906, a Doença de Alzheimer, doravante DA, se traduz por alterações cognitivas e comportamentais que constituem uma síndrome demencial. Trata-se do tipo mais comum entre as demências, atingindo mais da metade das que são diagnosticadas. Clinicamente, é definida como neuropsiquiátrica degenerativa, caracterizando-se por múltiplos déficits que comprometem o funcionamento mental e social do indivíduo, acarretando incapacitação e alterando os processos cognitivos (memória, linguagem, cálculos matemáticos, atenção, percepção, orientação espaço-temporal, praxia e funções executivas), a interação e a organização das práticas sociais cotidianas do indivíduo, como, por exemplo, a capacidade de utilizar objetos comuns e ferramentas (HERRERA, 1998; CRUZ, 2008). De modo geral, o primeiro sintoma clínico é a deficiência da memória recente, ao passo que, as recordações remotas são preservadas até o segundo estágio da doença.

¹ Bacharel em Estudos Linguísticos, Licenciada em Língua Portuguesa e Mestre em Letras: Estudos da Linguagem, ambos pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS – Campus Poços de Caldas. E-mail: nathaliadefreitas@yahoo.com.br

Segundo Morato (2008), na área neurocognitiva, reconhecem-se três fases de evolução da doença: a forma leve, quando os problemas de memória são constantes – especialmente da memória de trabalho; a forma moderada, em que os problemas mnésicos já chegam a ser incapacitantes, com desorientação têmporo-espacial e linguística (nessa fase, os problemas de linguagem, ainda não claramente observáveis na fase anterior, passariam a ser frequentes e prontamente perceptíveis); e a forma severa, na qual a memória se encontra gravemente alterada e a linguagem apresenta-se sensivelmente comprometida.

Para o presente estudo, que envolve a linguagem e a sociocognição, no que tange aos aspectos envolvidos na compreensão humorística, serão analisados dados de sujeitos diagnosticados com DA em estágio inicial. Nessa fase, há relativa preservação dos aspectos fonológico-sintáticos e alterações nos semântico-lexicais-pragmáticos. Predominam dificuldades para a realização de inferências linguísticas e cognitivas com vistas à compreensão do significado de textos, bem como sua expressão (MANSUR *et al.*, 2005). Ortiz e Bertolucci (2005), em estudo experimental realizado com sujeitos em estágio inicial, apontam a existência de dificuldades na compreensão discursiva, que decorrem do prejuízo na habilidade de interpretar subentendidos, assim como do comprometimento da capacidade para fazer inferência, pressupor e entender sentenças ambíguas.

Damasceno (2001) assente que dados da literatura nacional e internacional indicam ocorrer, em tal fase, dificuldades semântico-discursivas durante a interpretação de sentidos figurados ou implícitos, como, por exemplo, provérbios, metáforas, moral de histórias e material humorístico, sendo que o avanço da doença acentua as referidas alterações. Quanto a aspectos preservados, Sé (2011) afirma, que, no estágio inicial, o sujeito acometido pela DA, é capaz de manter a função epilinguística – organizadora da linguagem –, de forma a manter-se consciente no que diz respeito aos seus erros, conseguindo, por vezes, reformular, repetir ações ou equívocos que indicam, de algum modo, a existência de um processo reflexivo e automonitorado quanto à sua própria produção.

Quando observada em seu estágio inicial, há alterações na habilidade do sujeito acometido para interpretar elocuições, principalmente as que demandam a formulação de inferências, mecanismo que depende das relações entre as representações de mundo que

o indivíduo possui. Isso porque, a fase inicial da DA caracteriza-se pela relativa preservação dos aspectos fonológico-sintáticos e por alterações nos semântico-lexicais-pragmáticos, de forma a predominarem dificuldades para a realização de inferências linguísticas e cognitivas quando se busca a compreensão do significado de textos, bem como sua expressão (MANSUR *et. al.*, 2005).

Gêneros discursivos caracterizados pela escassa presença de indícios que podem conduzir a construções de sentido demandam um processamento sociocognitivo mais complexo e dependente das representações de mundo e das conexões que elas estabelecem entre si. Exemplos de tais gêneros são os que pertencem ao domínio humorístico, como, por exemplo, os trocadilhos, já que, para atribuir sentido a eles, o sujeito interpretante conta com poucas pistas linguísticas, necessitando, então, recorrer ao contexto extralinguístico, o qual depende da ativação do processamento sociocognitivo que aciona diferentes representações de mundo, com a finalidade de associar os indícios fornecidos pela língua aqueles produzidos pelas interconexões das diferentes representações sociocognitivas.

Assim, este artigo objetiva investigar, a partir de uma perspectiva sociocognitiva, informada pela Teoria da Relevância e pela Teoria da Integração Conceptual, fatores linguísticos e sociocognitivos envolvidos na interpretação de dois trocadilhos por sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer em estágio inicial.

Metodologia

Foram formados dois grupos para a composição da amostra: o Grupo Controle, composto por 5 sujeitos com inteligência normal, ou seja, dentro da média para a faixa etária e escolaridade, e sem comprometimento cognitivo causado pela DA ou por outra patologia; e o Grupo Clínico, composto por 5 indivíduos diagnosticados com DA em estágio inicial. Considerou-se como variáveis controladas neste estudo a escolaridade, o gênero, a idade e o perfil socioeconômico, de modo que os sujeitos dos grupos em questão foram pareados em conformidade a tais fatores.

A amostra foi composta a partir do universo populacional de idosos, com idade igual ou superior a sessenta anos, do município de Poços de Caldas, sul de MG. Aos participantes da pesquisa foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegura o anonimato do sujeito voluntário e explicita o caráter da manipulação e

do uso dos seus dados no contexto acadêmico. Participaram do estudo somente os indivíduos que assim consentiram, por meio da entrega do TCLE devidamente lido e assinado por ele ou seu responsável. Os sujeitos que compõem o Grupo Clínico foram recrutados da Associação Brasileira de Alzheimer – ABRAz – sub-região Poços de Caldas

Os trocadilhos utilizados na pesquisa em pauta fazem parte do Protocolo de Estudo de Piadas desenvolvido e utilizado por Donzeli (2008) em sua dissertação, que abordou a interpretação de piadas por sujeitos afásicos. O Protocolo é composto por sete textos humorísticos, bem como, por uma grade de interpretação. Conforme realizado por Donzeli (2008), os trocadilhos foram apresentados aos participantes do estudo durante sessão individual, então gravada para posterior transcrição. Após a apresentação de cada trocadilho pelo pesquisador, foi solicitado ao participante que o comentasse e explicasse os efeitos de humor ou outros sentidos nele veiculados.

A metodologia de análise dos dados é composta do que se chama de método do qualitativo. Foram analisadas as explicações de trocadilhos fornecidas pelos sujeitos com base nos preceitos da Teoria da Relevância, na Teoria da Integração Conceitual e nas categorias estabelecidas por Donzeli (2008) para níveis linguísticos (fonético-morfológico, morfo- fonológico, lexical, sintático, pragmático, semântico e semântico-sintático) mais acionados na interpretação chistosa. Os trocadilhos utilizados como instrumento de investigação neste estudo ativam especialmente os níveis fonético-morfológico, morfo- fonológico.

Fundamentação Teórica

Segundo Morato (2008), considerada em um sentido amplo, a perspectiva sociocognitiva, na qual se pode inserir tanto o Sociointeracionismo vygotskiano quanto a Linguística Cognitiva californiana, assenta entre seus postulados os seguintes fatos: i) a linguagem é indissociável de outros aspectos da cognição humana; ii) a linguagem é resultado de uma interação de diferentes fatores “internos” (inerentes à condição do ser humano e ao funcionamento do mundo) e “externos” (inerentes às experiências de/ no mundo do indivíduo). Cada um desses aspectos (físicos, biológicos, comportamentais, psicológicos, sociais, culturais, comunicativos) pode atuar como uma fonte de restrições e condições para aquisição, evolução, estrutura e uso da linguagem.

Considerando sua temática, este trabalho tem caráter interdisciplinar, sendo que, no âmbito da Linguística, insere-se nas perspectivas da Neurolinguística Discursiva, da Pragmática e da Linguística Cognitiva. Com relação à Neurolinguística Discursiva, é importante ressaltar que tal alicerce teórico-metodológico busca articular uma concepção abrangente de linguagem com uma concepção de funcionamento cerebral pautada em conceitos lurianos. De acordo com Coudry (2008), a Neurolinguística Discursiva:

É constituída por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam. São especialmente tomados a hipótese da historicidade e indeterminação da linguagem e os conceitos de trabalho e força criadora, formulados por Franchi (1997). Benveniste (1970) e Jakobson (1955/1970; 1956/1975) são autores-âncora na questão da (inter)subjetividade, dos níveis de funcionamento da linguagem, e da condição unipolar da linguagem na afasia. Luria (1981) e Freud (1891/1973) são tomados pela concepção de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente (COUDRY, 2002) em que a linguagem está representada em todo o cérebro – e ambos trabalham/associam – e não localizada em suas partes/centros. (COUDRY, 2008, p. 18).

Tal perspectiva une a referida concepção de linguagem com a metodologia do dado-achado, a qual resulta da articulação de teorias acerca do objeto em investigação com a prática de avaliação e o acompanhamento longitudinal de processos linguísticos cognitivos (COUDRY, 1996). Nessa metodologia, são realizadas práticas significativas com a linguagem a fim de avaliá-la e proceder terapêuticamente. Os estudos filiados a essa abordagem se fundamentam no trabalho com experiências discursivas providas de lógica para sujeitos inseridos em práticas dialógicas comuns ao cotidiano. Dessa forma, através da interlocução, é possível o advento de processos linguísticos, tais como, a explicitação, a repetição, o questionamento, a justificativa, o relato etc., os quais são excluídos da prática clínica tradicional e que podem evidenciar estratégias de linguagem empregadas por sujeitos com comprometimento cognitivo.

Quanto ao fundamento epistemológico, é necessário sublinhar que a TR utiliza a abordagem modularista da cognição, a qual concebe fenômenos cognitivos a partir de uma arquitetura pré-configurada geneticamente, e divide o sistema cognitivo em dois grandes subsistemas – os módulos e o processador central. Entretanto, Alves e Gonçalves (2006) argumentam que tal “radicalização” da modularidade se alinha a

diversos fundamentos conexionistas, o que coloca a TR próxima a essas abordagens.

Segundo os autores

O princípio explicativo da TR que fundamenta o processo de ampliação do *ambiente cognitivo* do indivíduo, diferentemente da visão modular, pressupõe o gradual reforço ou enfraquecimento de determinadas *suposições* (informações ou conhecimentos) através de um histórico de experiências que confirmem ou neguem seu valor de verdade. Portanto, uma determinada informação não será considerada simplesmente verdadeira ou falsa, mas terá *força de verdade* variável para a TR. Essa descrição é adequada muito mais à concepção conexionista de cognição, em que as recursividades de determinados processos cognitivos reforçam certas conexões da rede e enfraquecem outras (p. 132).

Alves e Gonçalves (2006) propõem que o sistema cognitivo é formado por entidades mínimas (nódulos e conexões), de forma análoga à composição do sistema nervoso – neurônios e sinapses:

Diferentemente da concepção modularista, o conexionismo explica os fenômenos cognitivos não a partir de uma arquitetura pré-configurada geneticamente, mas da construção de redes neuronais que derivam dos múltiplos estímulos vivenciados pelo indivíduo, o que leva à estabilização de rotinas processuais em diferentes porções do sistema nervoso – tais rotinas corresponderiam, pois, a competências ou sub-competências específicas. A proposta de desenvolvimento do sistema cognitivo segue o princípio da gradual ampliação e reforço de algumas conexões, além do enfraquecimento de outras, em virtude do histórico de interações e estímulos vivenciados pelo indivíduo. A partir desse desenvolvimento gradual, estabilizam-se sub-redes no sistema cognitivo, que, em linhas gerais, seriam consideradas como módulos pela abordagem modularista, devido à alta rotinização observada no seu comportamento.

Considerando que a TR pode ser interpretada como tendo orientação conexionista (ALVES; GONÇALVES, 2006), embora seja tradicionalmente concebida como de natureza modularista, é possível articulá-la à Neurolinguística Discursiva, uma vez que ambas as perspectivas entendem a indissolubilidade entre mente/cérebro/ambiente, de modo que os domínios cognitivo e sócio-interativo são interdependentes e complementares. Assim, justifica-se a utilização dos pressupostos da abordagem dialógica da Neurolinguística Discursiva na coleta de dados juntamente ao escopo da Teoria da Relevância para as análises deles.

O mesmo raciocínio vale para explicar a utilização da Teoria da Relevância e da Teoria da Integração Conceptual sob o mesmo paradigma, já que a Linguística

Cognitiva, área do saber a que se filia a segunda perspectiva, concebe o funcionamento mental como sendo não modular, de forma a prever a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e por outras capacidades cognitivas, assim como a interação entre os processadores cognitivos da linguagem, isto é, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual (ABREU, 2010).

Além disso, Vanin (2010) propõe a possibilidade de uma complementariedade entre a Teoria da Integração Conceptual e a Teoria da Relevância, argumentando que, enquanto a Teoria da Relevância focaliza a intencionalidade, a comunicação, as suposições e a derivação de inferências, a Teoria da Integração Conceitual aborda especificamente os mecanismos cognitivos. Dessa forma, tal união seria válida em razão das contribuições que ambas as abordagens tendem a oferecer. A autora atenta para o fato de partes dos escopos das duas vertentes poderem ser utilizadas para explicar como ocorre a compreensão global do enunciado: o modelo relevantista possui conceitos bem estabelecidos para explicitar a compreensão comunicacional; a arquitetura da mesclagem pode empregar dispositivos inferenciais para explicar como a mescla opera internamente.

A Teoria da Integração Conceptual afirma que o ser humano foi capaz de desenvolver, frente aos demais animais, demasiada capacidade de inovar, através da imaginação, da proposição de identidade entre conceitos e de sua integração e, então, criar redes – modelos – de pensamento e de ação. A criação dessas redes refere-se a um conjunto de projeções de relações vitais, como, por exemplo, tempo, espaço, causa e efeito, analogia, identidade e mudança. A fim de desenvolver tais redes, o indivíduo conecta espaços mentais e os relaciona a conhecimentos relativamente estáveis (conhecimentos prévios), armazenados na memória de longo prazo.

Espaços Mentais consistem em ativações cerebrais que demandam a interrelação neuronal processada em espaço/tempo efêmeros, responsáveis pela estruturação de informações relevantes em um determinado momento. Os espaços mentais são caracterizados como uma forma de abstração complexa, alicerçada em generalizações, que permitem a formulação de hipóteses acerca do pensamento, linguagem e outros aspectos da vida humana. Tais espaços seriam constituídos para atender a uma demanda específica, ao mesmo tempo em que seriam criadas e desfeitas conforme determinadas exigências contextuais. De acordo com Fauconnier (*apud* COSCARELLI, 2005):

Os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para essas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais (p. 291).

Segundo essa proposta, o que caracteriza a espécie humana é capacidade de associar diversos espaços mentais e, especialmente, a capacidade de constituir novos espaços – espaço mesclado – enquanto o sujeito realiza atividades cotidianas. Assim, o espaço mesclado consiste no resultado da combinação de, no mínimo, dois espaços mentais, a partir dos quais a mente imagina identidades e cria um terceiro espaço, através da integração dessas atividades.

Para que a mesclagem ocorra, é necessário que, pelo menos, quatro domínios sejam ativados: dois espaços mentais de origem, um espaço genérico e o domínio mescla, que abarcará traços dos demais domínios (FAUCONNIER, 1997). São exigidos esses componentes em razão de, segundo assente Salomão (1998), o princípio central da cognição humana corresponder à projeção entre domínios, do que advém o fracionamento, bem como transferência de informação, e processamento do sentido.

Os domínios são constituídos com base em agrupamentos de conhecimentos oriundos de experiências, os quais são estruturados e organizados, podendo ser classificados em domínios estáveis e em domínios locais (os espaços mentais). Os domínios estáveis consistem no legado da humanidade, haja vista que se referem às estruturas de memória pessoal ou social – esquemas e frames – evocados em operações de significação. Entre eles, há os Modelos Cognitivos Idealizados: ideários construídos em sociedade e veiculados culturalmente, caracterizados por sua estabilidade como dimensões cognitivas identificáveis e evocáveis, bem como pela organização interna das informações que os compõem, e pela flexibilidade de sua instanciação, de acordo com as necessidades locais manifestadas (SALOMÃO, 1999).

As projeções entre domínios, por seu turno, são responsáveis pela transferência de informações entre entidades do mesmo ou de outro domínio, o que expande a significação do primeiro para o segundo item, de forma a gerar novos significados. As projeções de conceitos realizadas entre domínios têm caráter fundamental para o

desenvolvimento da mesclagem, um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais com a finalidade de projetar sentidos em um terceiro espaço, o espaço mescla (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996).

Os significados projetados no espaço mesclam (espaço transitório em que as informações advindas dos espaços mentais de origem são organizadas) são associados em novo contexto, havendo a permanência de aspectos dos significados originais e a incorporação de significações criadas. A mesclagem é o resultado do rearranjo entre as projeções feitas e a situação comunicativa em que elas acontecem. Nessa ótica, o domínio-mescla é um terceiro espaço específico constituído com base na associação entre dois espaços mentais, dos quais incorpora estruturas parciais, para que forme uma estrutura emergente autêntica que representará uma dimensão inédita.

Conforme a TR, para que interpretações sejam possíveis, é preciso, além de um código partilhado, que deverá ser decodificado, a realização de inferências. A comunicação só é possível porque aquele que comunica tem e demonstra a intenção de fazê-lo, ao passo que, o que interpreta presume tal intenção, de modo a procurar, entre as interpretações resultantes, a mais relevante. Tal relevância diz respeito à modificação do ambiente cognitivo do receptor por meio do que é comunicado, ou seja, a produção de efeitos contextuais. Já o grau de relevância se refere à relação entre o esforço de processamento requerido e a magnitude dos efeitos cognitivos gerados (SPERBER; WISON, 2001).

A relevância é, na TR, concebida como uma propriedade de entrada de dados (elocuições, pensamentos, memórias, ações, sons etc.) em direção aos processos cognitivos. As elocuições codificam representações do mundo real – que, em certa medida, são partilhadas –, tendo como função não apenas informar pensamentos, mas também evidenciar atitudes do locutor. Para uma entrada de dados (uma elocução, por exemplo) ser relevante, é necessário que ela valha a pena ser processada, o que, por sua vez, depende do esforço de processamento requerido e do efeito cognitivo gerado. Ao ser processada dentro de um contexto de suposições disponíveis (representações de mundo), uma entrada de dados pode resultar em algum efeito cognitivo por meio da modificação ou reorganização dessas suposições. Em igualdade de condições, quanto maiores forem os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de

dados, maior será sua relevância. Do mesmo modo, quanto menor for o esforço de processamento requerido, maior será a relevância.

De acordo com a perspectiva em foco, o efeito cognitivo, também denominado de efeito contextual, é o resultado do processo de contextualização, que envolve a união de uma informação prévia com uma informação nova, do que advém a possibilidade de melhoria ou modificação do contexto cognitivo, o qual abrange não só o meio em que determinada comunicação é efetivada, mas também crenças, expectativas acerca do futuro, memórias, pressuposições etc. Um estímulo comunicacional terá relevância ótima quando for mais relevante que outros em certo momento e quando propiciar o maior contingente possível de efeitos cognitivos positivos, ou seja, o estímulo deve se conectar com alguma informação prévia de forma a haver conclusões significativas passíveis de alterar a representação de mundo do interlocutor, com o menor custo cognitivo.

É importante ressaltar que, para a TR, a comunicação humana é entendida como uma questão de grau, ou seja, ela depende da força da manifestabilidade (perceptibilidade, possibilidade de um fato ser inferido) das suposições no ambiente cognitivo do ouvinte. Um ambiente cognitivo consiste em um conjunto de suposições que o indivíduo é capaz de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro ou provavelmente verdadeiro. Trata-se do conjunto de suposições que o falante tem disponível e ao qual recorre ao processar informações. Já uma suposição diz respeito ao pensamento tratado pelo indivíduo como representação do mundo real.

Levando em conta a frequente possibilidade de, no processo comunicativo, haver elipses, ambiguidades, ironias, metáforas, entre outras configurações dependentes de fatores “extralinguísticos”, construções que requerem um conjunto de suposições formuladas pelo interlocutor, os formuladores da TR sugerem a existência de um procedimento de compreensão em que o interlocutor deve: i) seguir um caminho que demande menor esforço para processar os efeitos cognitivos ao testar hipóteses interpretativas, por meio da resolução de ambiguidades, problemas de referência, implicaturas etc.; ii) interromper o processo inferencial em andamento quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas ou abandonadas.

Tendo em vista que, segundo postula a TR, no processo de comunicação, o interlocutor deve decodificar o input via um percurso de esforço mínimo,

preferencialmente, e ativar informações que estão armazenadas na memória para conseguir inferir o sentido intencionado pelo locutor, sujeitos acometidos por algum tipo de déficit de memória podem ter dificuldades que afetam o processamento comunicacional. Isso porque, embora tal indivíduo traga consigo os princípios cognitivo e comunicativo da relevância, a atuação mnêmica ineficiente tende a demandar maior esforço de processamento, dificultando a produção de efeitos cognitivos satisfatórios passíveis de contribuir para a formulação de inferências sobre o sentido pretendido pelo locutor em um estímulo comunicacional.

Resultados

No que se refere às características relacionadas ao gênero, faixa etária e escolaridade dos sujeitos que compõem este estudo, têm-se, respectivamente, para o grupo DA e o grupo Controle, a média etária de 68 anos e 1 mês e 68 anos e 9 meses, quanto ao gênero 3 mulheres e 2 homens, 3 mulheres e 2 homens, e de escolaridade 10 e 11 anos. Como pode ser observado, variáveis que poderiam ser intervenientes foram controladas, com vistas a se ter possibilidades de, havendo diferenças entre os sujeitos, atribuí-las a propriedades outras que não escolaridade, gênero, perfil socioeconômico e escolaridade. Além disso, notado através das informações apresentadas durante as sessões, todos os sujeitos que foram pareados O.M.L. (DA) e R.H.P.L. (Controle), B.C.D.J. (DA) e A.J.C. (Controle), L.F.S. (DA) e M.P.F. (Controle), J.A.L. (DA) e P.C.R. (Controle), H.B.S. (DA) e C.S.R. (Controle) possuem dimensão familiar e atividades cotidianas parecidas.

Quanto ao desempenho dos sujeitos quanto à interpretação dos trocadilhos, de modo geral, percebe-se significativa diferença entre os sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer e os indivíduos Controle. Com vistas à apresentação e discussão dos dados coletados, para cada um dos trocadilhos, e suas respectivas interpretações, foi confeccionado um quadro de resultados que aponta os fatos significativos encontrados na amostra, seguido pelas análises alicerçadas na abordagem sociocognitiva que embasa essa pesquisa. Seguem as exposições, cuja disposição de dados consiste, para cada piada, em um episódio de um sujeito DA e outro de um indivíduo que pertence ao grupo Controle, respectivamente.

Trocadilho1: Por que a vaca foi para o espaço? R: Para se encontrar com o vácuo.

Esse trocadilho ativa o nível fonético-morfológico, demandando do sujeito a capacidade de identificar o significado de vácuo – “vazio”, “espaço não ocupado por coisa alguma” –, relacionando “espaço” a “vácuo”, e “vaca” a “vaco” e, conseqüentemente, “vácuo” e “vaco”. Além disso, há a polissemia presente em “vácuo” que gera dois domínios-fonte, espaços mentais distintos, em que estão presentes dois Modelos Cognitivos Idealizados – MCI’s –, sendo um referente a “local vazio”, esperado e canônico, e outro a “boi”, os quais vão criar o espaço genérico, cuja ideia é de “semelhança sonora”, levando ao domínio mescla “vácuo-local vazio-boi”, novo esquema em que há elementos dos dois espaços-base. Segue ilustração da criação de tais domínios.

De modo geral, os indivíduos que compõem o grupo Controle refizeram facilmente o percurso chistoso do trocadilho. É provável que, no ambiente cognitivo desses sujeitos, havia as suposições – baseadas em etiquetas enciclopédicas relativas a espaço como um local vazio e pautadas em etiquetas lexicais referentes à noção de que o fonema “o” pode figurar como indicador de gênero masculino –, as quais foram manifestas em seu contexto cognitivo, sendo, então, relevantes e promovendo efeitos contextuais, os quais puderam ser evidenciados pela facilidade com que reconstruíram o percurso humorístico em questão.

Dos sujeitos diagnosticados com DA, por seu turno, embora tenham conseguido identificar os efeitos humorísticos do trocadilho, foi demandado maior esforço cognitivo em seu processamento, o que deve ter ocasionado menor grau de efeitos contextuais. A interlocução foi importante para que eles resgatassem o percurso chistoso, como pode ser observado no trecho abaixo:

BCDJ.: A vaca teve um encontro com o namorado dela.

Investigadora: Mas como dá pra saber isso?

BCDJ: Por causa que ela viajou pro espaço.

Investigadora: Mas o que o espaço tem a ver com o namorado da vaca?

BCDJ: Ele é o vácuo.

Investigadora: Então, o vácuo é namorado da vaca? É isso mesmo?

BCDJ: O vácuo é como se fosse o boi ou o touro.

Como pode ser observado, BCDJ é capaz de identificar os elementos que constituem o humor do trocadilho. Contudo, apresenta dificuldades para interrelacionar esses elementos e, de imediato, refazer o percurso humorístico do texto, sendo os

questionamentos por mim realizados durante as trocas interlocutivas essenciais para que o sujeito em questão chegasse a fazer, ao seu modo, a reconstituição do percurso sociocognitivo que leva ao humor.

A primeira suposição manifesta no contexto cognitivo de BCDJ é a de vácuo como vocábulo que se refere ao masculino de “vaca”, isto é, o sujeito em foco atribui a vácuo a etiqueta enciclopédica de “boi”. Vale ressaltar que é somente após a interlocução que BCDJ evidencia tal relação, o que pode ser verificado em “Por causa que ela [vaca] viajou pro espaço” e em “Ele [boi] é o vácuo” Nota-se, portanto, que o ambiente cognitivo de HBS necessita de maior esforço de processamento para formar um contexto cognitivo no qual a suposição referente à relação sinonímica entre “vácuo” e “boi” seja manifesta, aspecto este que poderia ser explicado pela baixa acurácia da memória de trabalho quando da mobilização dos espaços mentais responsáveis pela formulação da suposição por último mencionada.

Ademais, é importante ressaltar que, alicerçados na interlocução, os cinco sujeitos que compõem o grupo DA foram capazes de refazer o percurso humorístico do trocadilho em questão. Intentando mostrar o desempenho satisfatório de AJC durante sua interpretação chistosa, segue a transcrição da interpretação realizada pelo sujeito controle a ele pareado quanto a características etárias, sociais, escolares e de gênero.

AJC: No caso vácuo significa boi.

Investigadora: E como a gente consegue perceber isso?

AJC: É que nem menino e menina.

Investigadora: Você disse que é igual, mas tem alguma diferença? Tem mais algum significado pra “vácuo” nessa piada?

AJC: Vácuo é onde não tem ninguém, o espaço vazio. No caso é o boi que a vaca foi encontrar no espaço.

O sujeito controle AJC não encontrou dificuldades para interpretar o trocadilho. Necessitou apenas de ser indagado sobre o significado de “vácuo”, para que fosse capaz de relacionar tal vocábulo a “vaco” (feminino de vaca). Em seu ambiente cognitivo, havia as suposições – baseadas em etiquetas enciclopédicas – relativas a vácuo como palavra que indica o feminino do animal “vaca”, e como um termo que denota um local vazio. Conforme pode ser observado em virtude da menção de menino e menina como sendo uma operação lexical semelhante a que ocorre na piada e em razão da identificação do duplo sentido presente em “vácuo”, tais suposições foram manifestas

em seu contexto cognitivo, as quais foram relevantes e promoveram efeitos contextuais, que puderam ser evidenciados pela facilidade com que AJC reconstruiu o percurso humorístico em questão.

Trocadilho 2: - Qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro? - É que a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira.

Esse texto chistoso mobiliza o nível linguístico morfo-fonológico, uma vez que “mamadeira” e “má madeira” se distinguem por meio da diferença acentual possível na primeira das sílabas que se repetem: “má - madeira”, “mamadeira”, sendo tal discrepância fonológica na segmentação da cadeia sonora o fator responsável pelo efeito de humor. Essa variação prosódica ocorrida entre as duas expressões possibilita uma espécie de duplo-sentido que tem como componentes dois domínios-fonte em que estão presentes os MCI’s de “utensílio utilizado para a sucção infantil de líquido” e “material arbóreo de procedência ruim”. Há, então, a formação de um espaço genérico que contém a projeção de “preferência”, o qual culminará na consequente construção de um domínio mescla respeitante à “mamadeira-madeira ruim-utensílio de sucção infantil”. Segue representação da ativação de tais domínios.

Os sujeitos controles interpretaram facilmente o efeito chistoso. Provavelmente são ativadas, no ambiente cognitivo e manifestas no contexto cognitivo dos sujeitos interpretantes, mais especificamente em virtude da mobilização das propriedades constituintes da etiqueta lexical morfo-fonológica, as suposições referentes à semelhança fonética entre as expressões e à discrepância semântica entre elas, percebidas em razão dos endereços enciclopédicos que os indivíduos possivelmente possuem sobre mamadeira-utensílio e mamadeira-madeira ruim. Tais suposições manifestas no contexto cognitivo de quem interpreta o trocadilho demonstram que são demandados esforços mínimos que resultam em efeitos contextuais elevados.

Os sujeitos DA, por seu turno, tiveram, de modo geral, dificuldades para identificar a construção do humor no trocadilho, necessitando de pistas dialógicas que, por conseguinte, não os levaram ao êxito, tendo em vista que eles não mantiveram percurso interpretativo condizente à trajetória chistosa que provoca o humor, mas, ficaram em uma espécie de jogo dialógico, no qual, à medida que eram capazes de formular alguma suposição – geralmente isolada, eu fornecia uma pista que os conduzia

a uma nova suposição não necessariamente relacionada à anterior. Tal postura pode ser observada no trecho transcrito da sessão realizada com OML:

OML: Ah, essa eu não sei não. Que que é?

Investigadora: Ó, o car... (o sujeito interrompe)

OML: A mamadeira mama.

Investigadora: E o carpinteiro detesta uma má madeira.

OML: Ele não gosta de uma ruim madeira.

Investigadora: Isso. Ele gosta de uma madeira...

OML: Ruim.

Investigadora: Ó, ele detesta uma má madeira, então ele gosta de uma madeira...

OML: boa.

Investigadora: Muito bem.

Como pode ser observado, OML não é capaz de reconstruir, de fato, o efeito humorístico do trocadilho, conseguindo, entretanto, acompanhar sua parceira dialógica e identificar as significações dos elementos presentes no chiste. Inicialmente, não é ativada qualquer suposição em seu contexto cognitivo. Em seguida, ele passa a manipular seus conceitos, encontrando características enciclopédicas sobre a mamadeira-utensílio, o que o leva à suposição de mamadeira como um instrumento utilizado para o bebê mamar. Novamente, a partir da interação dialógica com a investigadora, é ativada, no contexto cognitivo do sujeito DA, a suposição acerca da possibilidade de significação de “material arbóreo de procedência ruim” concernente à madeira. Vale salientar que a dificuldade de ativação de tal suposição indica que o ambiente cognitivo de OML encontrou empecilhos durante a análise conceitual do endereço lexical referente às características morfo-fonológicas da expressão em foco, fator este um complicador para a criação de um efeito de sentido e, conseqüente, relevância. Nota-se demasiado esforço cognitivo demandado na tentativa de explicitação do percurso humorístico existente, fator que, possivelmente, resulta, do déficit que OML possui no que tange à acurácia da memória de trabalho, mecanismo cognitivamente responsável pela criação dos espaços mentais.

Uma reconstrução chistosa plausível seria a que RHPL realizou, conforme é possível notar:

RHPL: É que o carpinteiro gosta de madeira boa. O som é igual, só que as palavras são diferentes.

Investigadora: Como assim, as palavras são diferentes?

RHPL: mamadeira é usado pro bebê mamar, e ma madeira é madeira ruim.

No ambiente cognitivo de RHPL é formado um contexto cognitivo em que são ativadas as suposições pautadas nas etiquetas lexicais referentes à similaridade entre os sons que constituem as expressões, o que permite ao ouvinte formular uma inferência sobre o fator que ocasiona o humor do trocadilho. É provável que uma das razões pela qual há significativas diferenças entre os indivíduos em questão (os quais possuem características etárias, sociais e instrucionais muito parecidas) é o esforço de processamento demandado na interpretação. Enquanto o esforço cognitivo de RHPL é quase nulo, OML é obrigado a dispor de demasiada energia psíquica, sem, contudo, alcançar a relevância esperada.

Conclusões

Considerando que os dados bem como os resultados aqui expostos dizem respeito a uma amostra pequena – 5 sujeitos DA e 5 controles –, não é possível fazer generalizações, mas, somente refletir sobre as recorrências encontradas. Para generalizar os resultados, é necessário que a amostra, tanto de sujeitos DA quanto controles, seja significativamente aumentada e análises mais robustas confeccionadas.

Ao se considerar que, de acordo com Fauconnier, (*apud* COSCARELLI, 2005), “os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos” (p. 291), de algum modo, conforme as discussões referentes ao desempenho dos sujeitos com DA, a ineficiência de tal mecanismo mnêmico interfere na composição do contexto cognitivo, assim como posterior ativação e manifestabilidade de suposições durante as tentativas desses indivíduos de refazer o percurso cognitivo dos chistes. De forma geral, parece haver demasiado esforço cognitivo na busca pela ativação de suposições que, por seu turno, dependem da mobilização de espaços mentais – então prejudicados pelo déficit da memória de trabalho –, fator que leva a baixos, ou, às vezes, a nulos efeitos cognitivos e, conseqüentemente, gera baixa ou nenhuma relevância.

A interlocução desempenhou função preponderante, quando do resgate dos efeitos humorísticos pelos sujeitos diagnosticados com DA. Sem o fornecimento de pistas informacionais, completagem dialógica ou tentativa de contextualização dos

eventos apresentados nos textos – por parte de sua parceira dialógica –, muito possivelmente, tais indivíduos não teriam sido capazes de direcionar seus percursos de interpretação, haja vista suas dificuldades para a formação de contextos cognitivos condizentes às situações expostas nos discursos chistosos. Isso mostra que a interação verbal pode auxiliar na minimização dos déficits de comunicação que os sujeitos acometidos pela Doença de Alzheimer em estágio inicial exibem, além de confirmar a importância do processo dialógico em quadros patológicos que incidem sobre a linguagem, em especial, os demenciais.

No que se refere aos níveis linguísticos mais envolvidos na construção humorística e o desempenho do grupo DA quanto ao reconhecimento da manipulação desses níveis, nota-se que houve identificação com relação ao nível fonético-morfológico, acionado no primeiro trocadilho. De acordo com a literatura já mencionada, há consenso sobre haver a preservação desse nível na primeira fase da doença, contudo, embora exista a mesma concordância no que tange ao nível morfofonológico, os indivíduos DA participantes da presente pesquisa não perceberam e não interpretaram seu acionamento no segundo texto chistoso. Entretanto, cumpre salientar que, talvez, a referida discordância resulte do próprio componente pragmático envolvido nos dois trocadilhos, uma vez que a formulação de inferências é necessária à interpretação de todos os chistes. Ademais, a divisão da linguagem em níveis tem caráter muito mais operacional que real, haja vista que esses níveis linguísticos são sobrepostos e constituem uma unidade sociocognitiva.

De modo geral, notam-se diferenças representativas e significativas entre os Grupos, sendo que os sujeitos controles não demonstram dificuldades para refazer o percurso de efeito humorístico dos trocadilhos, diferentemente do que ocorre com os membros do grupo DA, que, não conseguiram interpretar um dos trocadilhos. Para que mais considerações possam ser tecidas, juntamente à ampliação da pesquisa, é importante que sejam considerados outros fatores além dos contemplados neste estudo. Não se sabe, por exemplo, em que medida a ordem de apresentação das piadas pode ter influenciado no desempenho dos sujeitos DA, tendo em vista o esforço cognitivo demandado por cada uma delas. Outro aspecto de alta relevância consiste na verificação do padrão emocional desses indivíduos, o qual pode exercer alguma influência sobre suas tentativas interpretativas.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: Uma Visão Geral e Aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- ALVES, Fábio; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. *Modularidade maciça, conexionalismo e relevância: interfaces cognitivas aplicadas à tradução*. In: F. Alves & J. L. Gonçalves (eds.). *Relevância em tradução: perspectivas teóricas e aplicadas*. Belo Horizonte: Humanitas/UFMG, 2006, p. 9-33.
- COSCARELLI, Carla Viana. *Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, 2005, p. 291-303.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *O que é dado em neurolinguística?* In: CASTRO, M. F. P. (Org.). *O Método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996, p. 179-192.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Neurolinguística Discursiva: Afasia como tradução*. In: COUDRY, M. I. H., ISAHARA, C.; FERRAZ, N. (Orgs.). *Estudos da Língua(gem)*. Número temático: *Estudos em Neurolinguística*. v. 6, n. 2, 2008.
- CRUZ, Fernanda Miranda da. *Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- DAMASCENO, Benito Pereira. *Trajetórias do envelhecimento cerebral: o normal e o patológico*. In: A. L. NERI. *Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas/SP: Papyrus, 2001.
- DONZELI, Camila Polon. *A interpretação de piadas por afásicos: aspectos linguísticos e sociocognitivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles.; SWEETSER, Eve. *Spaces, world and grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996.
- HERRERA, Emílio. *Estudo epidemiológico populacional de demência na cidade de Catanduva, SP*. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, 1998.
- MANSUR, Leticia Lessa; CARTHERY, Maria Teresa. CARAMELLI, Paulo.; NITRINI, Ricardo. *Language and Cognition in Alzheimer's disease*. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 18, n. 3, 2005.

MORATO, Edwiges Maria. *O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008.

ORTIZ, Karin Zazo; BERTOLUCCI, Paulo Henrique Ferreira. *Alterações de linguagem nas fases iniciais da Demência de Alzheimer*. Arquivos de Neuropsiquiatria. v. 63, n. 2a, p. 311-317, 2005.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas: revista de estudos linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1998.

SÉ, Elisandra Villela Gasparetto. *Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial*. Tese (Doutorado em Linguística). IEL. UNICAMP. Campinas/SP, 2011.

SPERBER, Dan.; WILSON, Deirdre. *Relevância: comunicação e cognição*. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

VANIN, Aline Aver. *A construção (criativa) do significado: processos inferenciais e blending*. Ciências e Cognição, v. 15, n. 2, p. 077-093, 2010.

THE (RE) CONSTRUCTION OF HUMOR IN ALZHEIMER'S DISEASE IN INITIAL STAGE: COMPREHENSION OF PUNS

ABSTRACT

Our objective is to investigate, based in the theories of Relevance and Conceptual Integration, linguistic and socio-cognitive factors involved in the interpretation of two puns for subjects with Alzheimer's disease (AD) at an early stage. Two groups were formed: Clinical - subjects with AD - and Control, for submission to the Protocol Humorous Texts. The subjects of the Clinical group showed significantly lower than the Control group performance, and that individuals diagnosed with AD were able to fully reconstruct the path of a humorous pun. Interpretative attempts of subjects with AD were dependent on cues provided during the dialogic processes.

Keywords: alzheimer's disease, comprehension of puns, language and humor.

Recebido em 06/10/2014.
Aprovado em 27/10/2014.